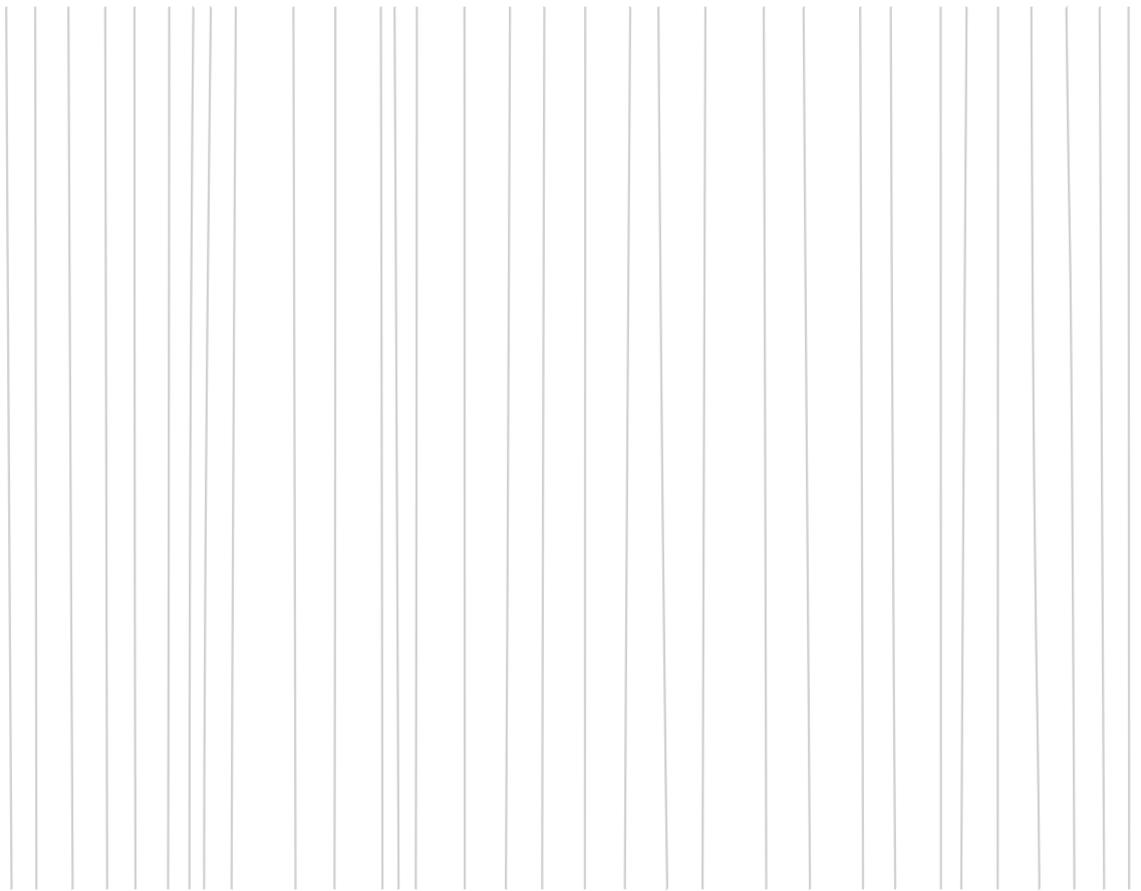


# Dossiê





## Dossiê Diversidade Sexual e de Gênero, Memórias e Envelhecimento.

**Carlos Guilherme do Valle**  
UFRN

**Júlio Assis Simões**  
USP

Nos últimos quinze anos, floresceu uma vastidão de pesquisas e estudos nas Ciências Sociais que tratam da diversidade sexual e de gênero nas suas múltiplas formas de significação, experiência, categorização e/ou conceituação, tomando aqui o campo acadêmico em sua dinâmica flexível, que observa posições teóricas e metodológicas variadas, inclusive no Brasil<sup>1</sup>. Embora estudos sociais e culturais sobre memória e envelhecimento tenham caminhos muito próprios no âmbito destes saberes - a memória sendo um tema mais frequentemente tratado, enquanto as pesquisas sobre geração e envelhecimento se afiguraram em tempos mais recentes<sup>2</sup> - as reflexões que enfoquem com mais vigor as significações, as implicações, os

---

<sup>1</sup> Desde o colapso da categoria “homossexualidade”, não há uma expressão de uso consensual para abarcar o conjunto de pesquisas em torno do amplo leque de corporalidades, sexualidades e expressões de gênero que desafiam o binarismo de gênero e a normatividade heterossexual. “Diversidade sexual e de gênero” é uma das alternativas que podem ser empregadas no esforço de cunhar uma expressão menos comprometida com as categorias médicas e psicológicas e com as categorias identitárias reunidas no movimento político atualmente designado pela sigla LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros). Para um levantamento pioneiro de pesquisas sobre homossexualidade nas ciências sociais brasileiras e áreas afins, em face da eclosão da epidemia HIV-Aids, ver Guimarães; Terto Jr.; Parker (1992). Para avaliações sobre a produção recente sobre sexualidade, contextualizando o emergente campo de estudo sobre diversidade sexual e de gênero e discutindo algumas de suas bases conceituais e questões teórico-metodológicas, ver, entre outros, Carrara e Simões, 2007; Facchini, Daniliauskas e Pilon, 2011; Simões e Carrara, 2014; Carrara, 2015.

<sup>2</sup> Pesquisas que têm diversos caminhos, mas é pertinente relembrar, ao menos, os trabalhos influentes de Maurice Halbwachs 1990 [1950], Michael Pollak (1989; 1992) e, no Brasil, de Ecléa Bosi (1983). Em Antropologia, pode-se recuperar a importância do tema da geração e da idade no que concerne aos estudos de parentesco, organização social e política. Para a tradição antropológica brasileira, estudos sobre “velhice” e “envelhecimento”, associado ao problema da família e da geração e, mais indiretamente, ao dos estilos de vida, se sobressaem nas pesquisas urbanas, tal como se percebe nos trabalhos de Lins de Barros (1981; 1987); Debert (1994; 1999); Peixoto (1995; 2004); Britto da Motta (1999); Alves (2004); Eckert, (2012); Simões (1998; 2004b); Scott (2002; 2010); Eckert (2012). Para coletâneas antropológicas brasileiras sobre envelhecimento, ver, entre outros, Lins de Barros (1998); Minayo & Coimbra Jr (2002); Peixoto (2004). Sobre gerações e etapas da vida, ver, entre outros, os dossiês “Gênero e gerações”, organizado por Guita Debert em *Cadernos Pagu*, n. 13, 1999; e “Antropologia e Ciclos de Vida”, organizado por Cornélia Eckert e Carlos Alberto Steil, em *Horizontes Antropológicos*, n. 34, 2010.3

obstáculos e as positivities a respeito das trajetórias de vida de pessoas LGBT<sup>3</sup> mostram-se ainda muito rarefeitas e dispersas, especialmente em nosso país.

No que tange a literatura internacional, alguns estudos tornaram-se referências importantes de discussão de história oral e memória, situando-se em um terreno fronteiro entre a Sociologia, a História Social e Cultural e a Antropologia - por exemplo Porter & Weeks (1991), Newton (1993), Kennedy & Davis (1993) - que trazem à tona questões, positivities e dilemas ou impasses dos estudos marcados por metodologias de história oral e de vida<sup>4</sup>. No Brasil, há uma singular lacuna no que concerne as questões e preocupações teóricas com o tempo, a memória e os sentidos de duração das experiências pessoais e intersubjetivas, inclusive a do envelhecimento, embora diversas pesquisas tenham abordado especialmente os processos históricos em que se inserem, primeiro, o chamado movimento homossexual brasileiro e depois o LGBT (MacRae, 1990; Câmara da Silva, 1994; Facchini, 2005; Simões e Facchini, 2009; Facchini; França, 2009; Aguião, 2014; 2016), sem desconsiderar as implicações engendradas por estes processos societários e culturais em termos da produção de identidades, memória e subjetividades. Um número ainda reduzido, porém crescente, de pesquisadores no contexto brasileiro, nas Ciências Sociais e áreas afins - destacando-se, entre outros, Simões (2004a; 2011; 2014), Paiva (2009; 2013), Siqueira (2009), Alves (2010), Pocahy (2012; 2013), Mota (2012; 2014), Soliva (2012), Lacombe (2013), Henning (2014; 2016), Passamani (2015) - têm se preocupado em deslindar com mais cuidado os diversos aspectos e condicionantes que conformam, sobretudo, o envelhecimento e a memória a partir das vivências associadas à diversidade sexual e de gênero.

Este dossiê da revista Bagoas propõe-se a seguir por esta direção e reúne artigos que têm como foco precípua as experiências e vivências de sexualidades e expressões de gênero não-normativas a partir de questões particulares das trajetórias biográficas e do curso de vida, do envelhecimento e da memória. Assim, propusemos, de início, que os trabalhos enfatizassem as questões de tempo e memória a

---

<sup>3</sup> Para efeito de inteligibilidade, usamos aqui como coletivo “pessoas LGBT” em lugar de “homossexuais”, ressaltando as questões de terminologia mencionadas na nota 1 acima.

<sup>4</sup> Para uma reflexão crítica sociológica sobre histórias de vida e memória, ver Bourdieu (1997) e Pollak (1989).

partir de certas temáticas e focos possíveis, apontando, por exemplo: (i) Experiência, memória, silenciamento; (ii) memórias da política e do ativismo; (iii) trajetórias, encontros, socialidades e sexualidade/erotismo; (iv) locais, territorialidades e experiências de lugar; (v) memórias, identidades e biografias; (vi) trajetórias, emoções, memória; (vii) homossexualidades e lugares da memória. Dos trabalhos aprovados, os temas tratados discorrem sobre memória e envelhecimento entre homens homossexuais ou *gays* (textos de Saggese; Duarte & Seffner; Cardoso; Passamani), mulheres homossexuais (Zamboni) e travestis idosas (Siqueira).

Todos os seis artigos presentes baseiam-se em pesquisas sociológicas e antropológicas, que mostram uma interpretação aprofundada de dados empíricos, seguindo a proposta inicial do dossiê. Os trabalhos situam o leitor diante de experiências de vida em contextos tão variados como Corumbá (MS), Soure (Marajó, PA) e grandes cidades como Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo, o que mostra a amplitude geográfica e o campo heterogêneo de vivências de sexualidade e gênero aqui abordadas, experiências estas abarcadas por processos sociais e históricos comuns. Em termos teóricos, os autores seguem, de algum modo, um enquadramento analítico que apresenta convergências, embora exponham aporte conceitual diversificado, conforme os modos particulares de tratar as temáticas centrais do dossiê.

As pesquisas de Saggese, de Zamboni e de Passamani valem-se mais visivelmente da metodologia da história de vida. Nesse sentido, retomam o caminho já trilhado, em contexto diferente, por Porter & Weeks (1991), em seu memorável livro sobre as vidas de homens com práticas homoeróticas durante o longo período histórico de criminalização/descriminalização das práticas sexuais entre homens na Inglaterra ("entre os atos" legais de 1885 e 1967) – caminho esse que, no Brasil, fora explorado já por Terto Jr. (1997). Os artigos de Saggese, de Zamboni e de Passamani mostram como a vida sexual e as experiências sociais são transformadas quando servem de foco narrativo, quando são contadas e reelaboradas por formas discursivas, tal como sugere Plummer (1995). O passado é recuperado e enquadrado de modo seletivo em seus matizes e focos variados (vide Pollak, 1989; 1992).

Nestes três trabalhos, é a memória que aparece com mais vigor. São histórias narradas e contadas com forte teor emocional e

densidade subjetiva, remetendo a momentos, experiências e também a sentimentos compartilhados, que podem expressar “interlocações da dor”, tal como apresenta Zamboni. Em seu artigo, memória e geração se confluem, entrelaçando experiências e narrativas de dor, singularizando tempos vividos, ao recuperar como mulheres tiveram de lidar com a perda de seus amigos mortos em decorrência da AIDS, sem deixar de convergir com os afetos sentidos pelo próprio pesquisador. Zamboni mostra que as histórias da AIDS que vêm sendo contadas podem unir e mediar gerações diferentes, tal como a do próprio pesquisador, que participa e se solidariza durante o próprio relato de sua interlocutora. Isso está presente também no texto de Saggese, quando etnografa uma cerimônia de “casamento gay”. Assim, a pesquisa etnográfica em sua dupla face, os contextos vividos pelo antropólogo e sua textualização, mostram as camadas interpretativas do ofício antropológico.

O texto de Passamani também realça a importância da memória, pois seus interlocutores formavam uma rede social cujos antecedentes tinham um respeitado *artista transformista* local, chamado Gica. Essas redes que se criam e permanecem a partir de uma pessoa que é vista como aglutinadora das relações aparece também nos textos de Duarte & Seffner e de Cardoso. Há uma história de relações que são reelaboradas em termos de uma memória cujo dom é ser convertida em narrativa. Este é um ponto importante, recuperado através da memória e presente em diversos textos: o da formação de redes de amigos, socialidade e formas de suporte. Cardoso enfoca destacadamente como se mantém uma rede de amigos “homossexuais” que envelhecem em Soure (Marajó) e que envolvem parcerias sexuais intergeracionais. No artigo de Duarte & Seffner, o caso do grupo que foi estudado mostra um histórico complexo de vinculação de membros participantes, inclusive em termos de composição, que exhibe heterogeneidade em razão das redes sociais que conformam a filiação e/ou seu recrutamento de membros, tal como Valle (2008) mostra em seu estudo sobre uma ONG AIDS, o Grupo Pela Vidda-RJ.

Vários artigos apontam para a importância dos espaços públicos e da circulação na cidade, que aparecem em consonância à força social e simbólica dos lugares de origem, bem como destacam aspectos relativos às interações e à apresentação de si em “itinerários urbanos cotidianos”. Siqueira, ao discorrer sobre a “vivência da travestilidade” no Rio de Janeiro, aborda o caso das travestis que

passam por processos de envelhecimento, as chamadas “travestis das antigas”. Neste artigo, as interações e circulação na cidade contrastam com as imagens idealizadas do passado, tal como no Rio “de antigamente” esboçado pelas interlocutoras idosas de Siqueira, que rivaliza com a força simbólica objetiva do tempo presente e da violência urbana corriqueira. Em contraste, os artigos de Passamani e Cardoso descrevem outras formas de socialidade a partir de cidades de menor porte, que não deixam de ter uma dinâmica urbana própria que possibilita os encontros sexuais e afetivos entre homens. Assim, festas e redes de encontros sexuais apontam para padrões de interação e formas de organização social que não seguem critérios e parâmetros mais institucionalizados, mas estimulam modos de sociabilidade, tal como também foi mostrado na pesquisa de Soliva sobre a *Turma Ok* no Rio de Janeiro (2012).

No texto de Saggese, outros espaços operam como lugares de memória e acionam reminiscências e representações culturais da “vida gay” (por exemplo, o Parque Trianon e as boates de São Paulo), associando-se à pesquisas que cartografam certas áreas de São Paulo, tal como a de Perlongher (1987) e Simões & França (2005). Já Passamani, recupera um antigo *Night Club* de Corumbá, uma “casa de shows de travestis e transformistas”, cuja existência marcou época em um contexto sem a presença de um mercado gay, mas estimulando a criação de socialidades em termos locais. Pode-se pensar aqui no controverso tema da “subculturalização” (Simões, 2004a: 440) e suas modalidades muito variadas, conforme os contextos pesquisados, pois há diferenças entre a descrição de São Paulo, por Saggese e, por outro lado, a de Corumbá, por Passamani. Ainda assim, ambos mostram situações em que redes de relações articulam-se à constituição de determinados espaços de sociabilidade e memória.

Em vários artigos é recorrente o tema da família em seu modelo heteronormativo, o que potencializa rupturas, conflitos, dramas (tal como a saída/expulsão das casas dos pais, das cidades de origem), mas sem deixar de considerar a manutenção de redes de apoio e solidariedade<sup>5</sup>. O modelo de família pode ser, inclusive, redefinido em tempos mais recentes, quando a mobilização e as demandas políticas do movimento LGBT se fortalecem a partir da década de 1990, tal como aparece no artigo de Saggese.

---

<sup>5</sup> Para uma discussão sobre heteronormatividade e curso da vida em relação à trajetória de homens homossexuais mais velhos, ver Henning, 2016.

A religião é também um ponto recorrente nos artigos. Pode-se apreciar o impacto do protestantismo no Brasil, no texto de Saggese. Nos artigos de Cardoso e de Passamani, a religião, em suas variações, também aparece nas trajetórias, sem contar as acusações morais contra a homossexualidade dos seus interlocutores (Cardoso) por parte de agentes religiosos católicos. No texto de Duarte & Seffner, a religião aparece como um meio próprio de atuação social, no caso de um centro espírita citado, mas sem se contrapor à vinculação e participação no movimento social LGBT.

Em diversas modalidades organizacionais, a formação e/ou criação de grupos depende de marcadores sociais variados, tal como geração e sexualidade, o que imprime particularidades entre eles. Ao invés de pensar em grupos e posições que se diferenciam de modo absoluto, todos os autores mostram a coexistência complementar de experiências geracionais, ainda que estas relações possam ser cruzadas por tensões e divergências. Zamboni ressalta ainda mais a importância das mulheres como amigas, inclusive quando são homossexuais, fazendo parte de redes de apoio e suporte, quando os amigos ficam doentes. Isso também se evidencia no artigo de Duarte & Seffner, que indicam como a classe, enquanto marcador social, pode conformar, em um primeiro momento, os padrões de organização de um grupo de homens gays velhos em Porto Alegre que, posteriormente, se abre para uma composição mais heterogênea, até intergeracional, que estimula a sociabilidade.

Ao refletirem sobre relações intergeracionais e sobre formação e manutenção de relações entre parceiros sexuais de diferentes idades e gerações, Duarte & Seffner e Cardoso enfrentam a questão de como as representações culturais da homossexualidade associadas aos padrões de beleza e corporalidade de juventude e vigor físico/sexual dificultam a visibilidade das questões da velhice para as homossexualidades. Nesse sentido, dialogam com Simões (2004a) e outros autores a respeito das dinâmicas societárias que conflituam com as visões internas da “cena” e ou do “mundo gay”. Os textos de Duarte & Seffner e Cardoso falam ainda de relações eróticas convencionalmente associadas ao dualismo ativo/passivo. As interações sexuais entre as *bichas* e os marinheiros em Corumbá, tratadas por Passamani, partem, pelo que parece, também desta modulação em termos de gênero/sexualidade.

São Siqueira e Passamani que discutem mais vigorosamente a relação entre performatividade de gênero e os dilemas causados pelos processos de envelhecimento, que aparecem em seus artigos sobre as travestis “senhoras” e homens de condutas homossexuais no Pantanal (MS). No primeiro caso, são dilemas da apresentação de si, sobretudo acentuados quando tomamos as autoimagens das travestis mais velhas em nítido contraste com as representações culturais “erotizadas” que a sociedade constrói da travesti. Já o artigo de Passamani mostra como o enquadramento da memória de seus interlocutores recupera antigas figuras como Gica, que criavam suas próprias experimentações de gênero no passado, em um contexto de limitada urbanidade, mas que, aos poucos, passa a ver uma presença crescente de travestis.

Estratégias de interação societária, controle de impressões e padrões de evitação social, que lidam com o que Duarte & Seffner chamam de “regime do armário”, podem se apresentar nas redes de pessoas que vêm sendo pesquisadas. Homossexuais em processo de envelhecimento podem apoiar-se em redes sociais para evitar situações e relações violentas e/ou estigmatizantes. Assim, as estratégias e dinâmicas de visibilização e encobrimento, que oscilam através do “complexo jogo de revelar e esconder” (Duarte & Seffner; Passamani), operam tanto nas redes como nos grupos estudados, mas explicam também dilemas enfrentados em contextos de violência policial, estigmatização social e homofobia (em Saggese; Zamboni; Siqueira; Cardoso).

Outro tema que aparece em textos como o de Saggese e o de Duarte & Seffner é o da mobilização social e política dos interlocutores, que pode ser nos primeiros tempos do “movimento homossexual brasileiro” através da participação do grupo *Somos* (texto de Saggese) e depois em Ongs, tal como o *Nuances* (de Porto Alegre). Articula-se isso ao problema do “assumir-se”, do *coming out* – em Saggese, mas também em Duarte & Seffner -, que mostram como o tema da “autoaceitação gay” pode ser aproximado a uma agenda mais político-ativista, verbalizada pelas ONGs e grupos do movimento LGBT. São os recortes temporais e os processos do “assumir-se” em relação ao curso de vida, tal como Simões recupera na literatura acadêmica (2004a), especialmente nos “estudos gays/lésbicos” de matriz anglo-saxã (ainda que a discussão do *coming out* não tenha ficado restrita ao universo de pesquisas de língua inglesa), bem como os seus desdobramentos mais

recentes, inclusive relacionados à produção de identidades e de novos processos de "assumir-se" a partir da epidemia do HIV/AIDS.

Tanto o artigo de Saggese como o de Zamboni expõem o grande impacto da epidemia do HIV/AIDS nos contextos em que pesquisaram (São Paulo) e recuperam o medo quanto à possível infecção do HIV e ao drama da testagem anti-HIV bem como a formação de identidades clínicas ou biossociais (Valle, 2002, 2015; e Terto, 1996). Apoiando-se em Simões (2014), Saggese e Zamboni tomam a AIDS como um evento crítico que pode ser desdobrado por muitos outros, em um nível micro-societário, tal como o "drama" e o terror da testagem anti-HIV (Valle, *ibid*), o que mostra a conciliação entre escalas sociais e níveis de experiência. É, sobretudo, no texto de Saggese que aparece a participação no caso de seus interlocutores em ONGs AIDS, o que vem mostrar os seus efeitos na criação de vínculos, socialidades e atuação política (Valle, 2008). Mas o impacto histórico da epidemia em seus diferentes momentos e enquadramentos deve ser entendido a partir de marcadores sociais como gênero e sexualidade, tal como destaca Zamboni, ao focar as narrativas sobre a AIDS por parte de mulheres homossexuais, cujo sofrimento e dor precisam ser entendidos em sua singularidade. São contornos que ajudam a entender os modos de singularização das "experiências geracionais", contornos estes que podem ter uma modelação narrativa, uma trama biográfica e de memória, sugerindo especificidades identitárias, que não podem ser generalizadas, mas espelham experiências de geração e, assim, processos de constituição de identidades sexuais (Simões, 2004: 424-432).

Talvez mais um ponto que aparece alinhar os artigos entre si seja a relação histórica de um passado de maior silenciamento sobre a sexualidade, embora esse dilema fosse estrategicamente contornado, com contextos contemporâneos de maior visibilidade pública da "causa LGBT", de um mundo que foi arduamente alcançado, segundo a frase que intitula o livro de Weeks (2007), apesar dos conflitos e violências ainda continuamente vividas. Assim, os artigos mostram como as experiências particulares e pessoais se relacionam com níveis sociais mais amplos, abrangentes, a processos históricos que dão contornos e ajudam a esboçar momentos, contextos e trajetórias.

No contexto brasileiro, a epidemia da AIDS parece ter grande relevância para se entender estes processos históricos que afetam

coletividades e ainda impactam sobre trajetórias de vida, de modo muito forte, considerando as experiências geracionais, mas é preciso ainda ressaltar como certas “conquistas” e “lutas” mais recentes podem ser relatadas, tal como a demanda e a garantia progressiva de direitos específicos que se evidenciam em casos como a legislação para a “união civil” entre gays, embora percalços possam continuamente se dar, tal como na adoção de crianças (vide o texto de Saggese). Mas exatamente esta posição favorável às conquistas político-legais e sociais LGBT pode ser nuançada por expedientes de diferenciação geracional entre jovens e homens velhos gays, tal como aparece no texto de Duarte & Seffner, onde aparece a alusão crítica ao “consumismo” da juventude por parte de seus interlocutores. O que, afinal, reitera o quanto é plural e aberto o campo de controvérsias e possibilidades em que pessoas de diferentes idades e gerações se movem, no empenho de fazer e refazer sentidos e vivências de gênero e sexualidade

### Referências:

AGUIÃO, Silvia. Fazer-se no “Estado”: uma etnografia sobre o processo de constituição dos “LGBT” como sujeitos de direito no Brasil contemporâneo. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Unicamp, 2014.

AGUIÃO, Silvia. “Não somos um simples conjunto de letrinhas”: disputas internas e rearranjos da política “LGBT”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 46, 2016, p. 279-310.

ALVES, Andréa M. *A dama e o cavaleiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALVES, Andréa M. Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, v. 16, n. 34, 2010, p.213-233.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. São Paulo: TAQ/Edusp, 1983.

BRITTO DA MOTTA, Alda. *Não tá morto quem peleia: a pedagogia inesperada nos grupos de idosos*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Educação. UFBA, 1999.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: \_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Lisboa, Celta, 1997.

CÂMARA DA SILVA, Cristina. *Triângulo Rosa: a busca pela cidadania dos homossexuais*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 1994.

CARRARA, Sérgio. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. *Mana*, Rio de Janeiro, v.21, n.2, 2015, p.323-345.

CARRARA, Sérgio; SIMÕES, Júlio A. Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), v. 28, 2007, p. 65-99.

DEBERT, Guita G. *A reinvenção da velhice*. São Paulo: Edusp, 1999.

DEBERT, Guita. Gênero e envelhecimento. *Revista Estudos Feministas*, vol. 2 (n.3), 1994, pp. 33-51.

ECKERT, Cornélia. *Memória e trabalho: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão*. Curitiba, Appris, 2012.

FACCHINI, Regina. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora L. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no movimento LGBT brasileiro. *Sexualidad, salud y sociedad*. n. 3, 2009.

FACCHINI, Regina; DANILIAUSKAS, Marcelo; PILON, Ana C. Políticas sexuais e produção de conhecimento no Brasil: situando estudos de sexualidade e suas conexões. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v.44, n. 1, 2013, pp.161-193.

GUIMARÃES, Carmen Dora; TERTO Jr., Veriano; PARKER, Richard. Homossexualidade, bissexualidade e Hiv-Aids no Brasil: uma bibliografia anotada de ciências sociais e afins. *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, v. 2, n.1, 1992, pp. 151-183.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo, Vértice/ Ed. da Revista dos Tribunais, 1990 [1950].

HENNING, Carlos Eduardo. *Paizões, tiozões, tias e cacuras: envelhecimento, meia-idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo*. Tese de Doutorado, Antropologia Social, Unicamp, 2014.

HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época, não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 46, 2016, pp. 341-371.

KENNEDY, Elizabeth L.; DAVIS, Madeline D. *Boots of leather, slippers of gold: the history of a lesbian community*. Nova Iorque: Routledge, 1993.

LACOMBE, Andrea. Sobre saias, calças e boné: expressões de gênero, geração e sedução entre mulheres que “gostam de mulher”. *Antropolítica*. Niterói, n. 34, 2013, p.53-68.

LINS DE BARROS, Myriam M. (org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

LINS DE BARROS, Myriam M. *Autoridade e afeto: avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

LINS DE BARROS, Myriam M. Testemunho de vida: um estudo antropológico das mulheres na velhice. In: LINS DE BARROS, Myriam M.; PRADO, Rosane M (org.). *Perspectivas antropológicas da mulher*, 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1981.

MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “Abertura”*. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MINAYO, Maria C. de S.; COIMBRA Jr., Carlos E.A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

MOTA, Murilo P. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. *Bagoas: Revista de estudos gays*, vol. 6, n.7, p. 199-222. Natal: UFRN, 2012.

- MOTA, Murilo P. *Ao sair do armário, entrei na velhice: homossexualidade masculina e o curso da vida*. Rio de Janeiro: Mobile Especial, 2014.
- NEWTON, Esther. *Cherry Grove, Fire Island: sixty years in America's first gay and lesbian town*. Boston: Beacon Press, 1993.
- PAIVA, Antonio C. S. Protagonismo erótico, classificações e formas de sociabilidade de gays idosos. *Revista de Ciências Sociais*. UFC, v. 44, Fortaleza, 2013, p. 74-108.
- PAIVA, Antonio C. S. Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas: Revista de estudos gays*, vol. 3, p. 191-208. Natal: UFRN, 2009.
- PASSAMANI, Guilherme. Sobre memórias e condutas homossexuais: problematizando a trajetória de Tom no Pantanal (MS). *Equatorial* (UFRN), Natal, v,2, n.3, 2015, p. 83-102.
- PEIXOTO, Clarice E. (org.). *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2004.
- PEIXOTO, Clarice E. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27, 1995, p. 138-149.
- PERLONGHER, Néstor. *O Negócio do Michê: A prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- PLUMMER, Ken. *Telling sexual stories: power, change, and sexual worlds*. Nova York: Routledge, 1995.
- POCAHY, Fernando A. Deuses e monstros: envelhecimento e (homo)sexualidade nas tramas da abjeção. *Bagoas: Revista de estudos gays*, v. 7, 2013, p. 103-155.
- POCAHY, Fernando A. Entre vapores e vídeos pornôis: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Revista Estudos Feministas*, v. 20, 2012, p. 357-376.
- POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-212.
- POLLAK, Michel. Memória, história e esquecimento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v, 2, n. 3, 1989, p.3-15.
- PORTER, Kevin; WEEKS, Jeffrey. *Between the acts: lives of homosexual men, 1885-1967*. Londres: Routledge, 1991.
- SCOTT, R. Parry. Envelhecimento e juventude no Japão e no Brasil: idosos, jovens e problematização da saúde reprodutiva. In: MINAYO, Maria C. de S.; COIMBRA Jr., Carlos E.A. (orgs.). *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

SCOTT, R. Parry. Gerações e famílias: polissemia, mudanças históricas e mobilidade. *Sociedade e Estado* (UnB), Brasília, v. 25, 2010, p.251-284.

SIMÕES, Júlio Assis. "A maior categoria do país": o aposentado como ator político. In: LINS DE BARROS, Myriam M. (org.) *Velhice ou terceira idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

SIMÕES, Júlio Assis. Homossexualidade masculina e curso da vida: pensando idades e identidades sexuais. In: PISCATELLI, Adriana; GREGORI, Maria Filomena; CARRARA, Sérgio Carrara (orgs.). *Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004a.

SIMÕES, Júlio Assis. Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, Clarice E. (org.) *Família e envelhecimento*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004b.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. In: TRENCH, Belkis; COSTA, Tereza E. (Org.) *Nós e os outros: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisas*. São Paulo: Instituto de Saúde (Temas em Saúde Coletiva, 13), 2011.

SIMÕES, Júlio Assis. Gerações e identidades homossexuais entre homens: narrativa, tempo, diferença. In: ASSIS, Glaucia Oliveira; MINELLA, Luzinete Simões; FRANCK, Susana Borneo (Org.) *Entrelugares e mobilidades: desafios feministas*. Tubarão (SC): Ed. Copiart, 2014.

SIMÕES, Júlio Assis; CARRARA, Sérgio. O campo de estudos socioantropológicos sobre diversidade sexual e de gênero no Brasil: ensaio sobre sujeitos, temas e abordagens. *Cadernos Pagu* (UNICAMP), v. 42, 2014, p. 75-98.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora L. Do gueto ao mercado". In: James Green & Ronaldo Trindade (org.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

SIQUEIRA, Monica. Arrasando horrores! Uma etnografia das memórias, formas de sociabilidade e itinerários urbanos de travestis das antigas. Tese de Doutorado, Antropologia Social, UFSC, 2009.

SOLIVA, Thiago B. *A confraria gay: um estudo de sociabilidade, homossexualidade e amizades na Turma OK*. Dissertação de mestrado (Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ, 2012.

TERTO Jr, Veriano de S. Homossexuais soropositivos e soropositivos homossexuais: questões de homossexualidade masculina em tempos de

AIDS. In: Richard Parker; Regina Barbosa (orgs.). Sexualidades brasileiras. Rio de Janeiro: ABIA/IMS-UERJ/Relume Dumará, 1996.

TERTO Jr, Veriano de S. Reinventando a vida: histórias sobre homossexualidade e AIDS no Brasil. Tese de doutorado (Saúde Coletiva). Rio de Janeiro: IMS/UERJ, 1997.

VALLE, Carlos Guilherme O. Identidades, doença e organização social: um estudo das 'pessoas vivendo com HIV e AIDS'. Horizontes Antropológicos (UFRGS). v.17, p. 179-210, 2002.

VALLE, Carlos Guilherme O. Apropriações, conflitos e negociações de gênero, sexualidade e sorologia: etnografando situações e performances no mundo social do HIV/AIDS (Rio de Janeiro). Revista de Antropologia (USP), v. 51, p. 200-236, 2008

VALLE, Carlos Guilherme O. Biosocial activism, identities, and citizenship: making up 'people living with HIV and AIDS' in Brazil. Vibrant (ABA), v. 12, p. 27-70, 2015.

WEEKS, Jeffrey. The world we have won: the remaking of erotic and intimate life. Londres: Routledge, 2007.